

O mal-estar na Pós-graduação: relatos de egressos em Sociologia sobre formação, mercado de trabalho e sofrimento psíquico¹

Mário Fellipe Fernandes Vieira Vasconcelos (UFC/Ceará)

Alba Maria Pinho de Carvalho (UFC-Ceará)

Palavras-chave: Mal-estar. Pós-graduação. Precariado.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e compreender uma modalidade específica de mal-estar: aquela vivenciada por egressos dos Programas de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará, no período entre 2020 e 2025.

Entendemos por *mal-estar* as formas de sofrimento produzidas por uma determinada configuração histórica e social, que atravessam indivíduos e grupos. A inspiração para esse título dialoga com a obra *O mal-estar na civilização*, escrita por Sigmund Freud em 1930, na qual o autor analisa o conflito estrutural entre os desejos individuais e as exigências impostas pela vida em sociedade. Para Freud, cada período histórico produz sua forma peculiar de mal-estar, marcada pelas condições sociais, econômicas e culturais de seu tempo. O mal-estar, portanto, não consiste apenas em uma experiência individual, mas em um efeito da inserção dos sujeitos na sociedade e na cultura.

Partindo dessa perspectiva que considera a existência desse mal-estar no contexto dos egressos dos dois Programas de Pós-graduação investigados, esta pesquisa interroga: **o que produz o mal-estar entre egressos da Pós-graduação em Sociologia? Quais são suas marcas históricas e sociais? Quais seus efeitos nas trajetórias profissionais e subjetivas desses indivíduos? E, ainda, quais saídas são possíveis para conferir outro destino a esse mal-estar?**

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

Antecipamos que esse mal-estar é produzido, sobretudo, por um descompasso entre a formação acadêmica oferecida na Pós-graduação e as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, resultando em formas específicas de sofrimento psíquico. Assim, a pesquisa busca compreender como a precariedade da inserção laboral atravessa a formação do sociólogo no estado do Ceará e impacta as trajetórias de seus egressos.

1. A pesquisa e suas bases analíticas

Considerando esse contexto de indefinições, incertezas e angústias sobre a inserção dos pós-graduandos em Sociologia no mundo do trabalho, especificamente no Ceará, emerge o interesse em transformar essa questão pessoal, vivenciada por um coletivo de colegas, em questão sociológica. Assim, construímos a pesquisa de pós-doutorado, ora em curso, com o título “Neoliberalismo e Sofrimento psíquico no mundo do trabalho: uma análise dos efeitos psicossociais em jovens adultos egressos dos cursos de Pós-graduação em Sociologia da UFC e da UECE de 2020 a 2025”. Trata-se de uma pesquisa iniciada em novembro de 2023, tendo sido contemplada pelo edital n.09/2023 da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap).

O eixo analítico da pesquisa é o conceito de precariado que consiste em um segmento da classe trabalhadora, constituído por jovens altamente qualificados que não conseguem uma inserção correspondente à sua formação e que, por esta razão, desenvolvem uma precariedade existencial. O conceito de precariado é formulado por Guy Standing na obra *The precariat: the new dangerous class*, publicado em 2011 e trabalhado, inclusive, por pesquisadores brasileiros, como Alves (2012), Braga (2012) e Carvalho (2014).

Em vista desse contexto, marcado pela restrição de oportunidades em postos estáveis e pela intensificação de atividades de curta duração no que tange ao mercado de trabalho nas Ciências Sociais, assumimos como pressuposto da pesquisa que o precariado não é um fenômeno peculiar e exclusivo das Ciências Sociais. Pelo contrário, é um fenômeno do nosso tempo que atinge, de forma diferenciada, as mais diversas profissões, mesmo aquelas consideradas mais “nobres”, como Direito, Medicina e Engenharia. De fato,

esse é um fenômeno geral no campo das profissões em tempos contemporâneos, vinculado a um novo momento histórico do capitalismo, marcado pelo desemprego estrutural e precarização das formas laborais².

Considerando o contexto em que esses egressos se situam, esta pesquisa se interessa em compreender como essas formas de sofrimento se expressam e como elas são narradas por estes egressos e o que pode ser feito pelos Programas de Pós-graduação em Sociologia em parceria com o governo do estado do Ceará e com a iniciativa privada a fim de minimizar os efeitos produzidos por este cenário.

Na seção seguinte, discorreremos sobre os desafios e dificuldades enfrentadas no percurso da pesquisa e justificamos nossas escolhas metodológicas.

2. Desafios e dificuldades no percurso de realização da pesquisa

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, estruturada em três etapas complementares: pesquisa bibliográfica, aplicação de um formulário on-line e realização de entrevistas semiestruturadas com egressos dos Programas de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A pesquisa bibliográfica acompanhou todo o desenvolvimento do estudo, concentrando-se na literatura sobre capitalismo contemporâneo, neoliberalismo, precarização do trabalho, precariado e sofrimento psíquico, constituindo o referencial teórico que orientou a análise empírica.

O trabalho de campo iniciou-se com a aplicação de um formulário eletrônico destinado aos egressos titulados entre 2020 e 2025. Após contato institucional com as coordenações dos dois Programas, foram obtidas listas de e-mails dos egressos e encaminhado um questionário composto

² O período histórico do capitalismo, marcado pelo desemprego estrutural e pela precarização das formas laborais, é cunhado de capitalismo neoliberal ou capitalismo contemporâneo/tardio. Essa versão contemporânea do capitalismo foi consolidada a partir de 1970. Suas principais marcas são: desemprego estrutural, precarização das formas de trabalho, flexibilização das relações trabalhistas, retração do estado de bem-estar social e centralidade do mercado e financeirização da economia.

predominantemente por questões fechadas de caráter sociodemográfico e ocupacional, contemplando informações sobre perfil social, trajetória profissional, inserção no mercado de trabalho, percepção da precarização e experiências de adoecimento durante a pós-graduação. O formulário também permitia que os participantes manifestassem interesse em participar da etapa qualitativa da pesquisa.

Inicialmente, o formulário foi enviado para os 249 egressos cadastrados (139 da UFC e 110 da UECE). Entretanto, a utilização do e-mail como estratégia de acesso mostrou-se pouco eficaz, tanto em razão de endereços eletrônicos desatualizados quanto da baixa taxa de retorno. Na tentativa de ampliar a participação, a pesquisa foi divulgada em redes sociais, grupos de WhatsApp e no perfil institucional do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC. Posteriormente, optou-se pelo envio de mensagens individualizadas e, sobretudo, pelo contato direto via WhatsApp, estratégia que se mostrou significativamente mais eficiente para alcançar os participantes. Essa experiência evidenciou, inclusive, os limites do e-mail como instrumento de comunicação acadêmica em um contexto marcado pela intensificação das formas instantâneas de interação.

As dificuldades encontradas para localizar os egressos suscitaram reflexões metodológicas relevantes acerca da relação entre os Programas de Pós-graduação e seus ex-alunos, especialmente no que diz respeito à inexistência de sistemas sistemáticos de acompanhamento das trajetórias profissionais dos titulados. Tal constatação revelou-se particularmente significativa diante dos próprios critérios de avaliação da CAPES, que atribuem crescente importância ao acompanhamento dos egressos como indicador da qualidade dos Programas.

Ao final do trabalho de campo, foram obtidas 57 respostas ao formulário e realizadas 40 entrevistas semiestruturadas, conduzidas predominantemente por meio da plataforma Google Meet, com algumas entrevistas presenciais. Os encontros tiveram duração média entre quarenta minutos e uma hora e foram orientados por um roteiro composto por onze questões centrais, abordando temas como origem familiar, relação com os estudos e o trabalho, escolha pela

graduação e pela pós-graduação, experiências de adoecimento psíquico, dificuldades de inserção profissional, condições de trabalho, percepção da precarização, avaliação da universidade, produção científica e perspectivas de mudança para a pós-graduação e para a carreira acadêmica.

Embora estruturadas por um roteiro previamente elaborado, as entrevistas assumiram caráter aberto e flexível, permitindo que os participantes desenvolvessem livremente suas narrativas sobre suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Dessa forma, emergiram relatos que extrapolaram as questões inicialmente previstas, abordando experiências de sofrimento psíquico, incertezas quanto ao futuro, estratégias de inserção no mercado de trabalho, relações estabelecidas no ambiente universitário e percepções sobre as transformações contemporâneas do trabalho acadêmico. Esse material constituiu a base empírica da análise qualitativa desenvolvida nesta pesquisa.

Na seção seguinte, empreendemos uma discussão teórica do precariado como o eixo analítico da pesquisa e como um fenômeno particular do capitalismo contemporâneo de tipo neoliberal.

3. O precariado como uma expressão das reconfigurações do mercado de trabalho no capitalismo contemporâneo

O mundo do trabalho tem passado por diversas transformações desde os anos 1970 com o advento do capitalismo em seu modelo neoliberal que, ao adotar a flexibilização das formas laborais como a nova ética do espírito capitalista, acabou por transferir do Estado para o indivíduo a responsabilidade pela manutenção de sua subsistência, gerando, como efeito colateral, um cenário onde os indivíduos passaram a se portar cada vez como gerentes de si, como empresas. O neoliberalismo, conforme compreendido por Dardot e Laval, não consiste apenas em uma ideologia ou uma política econômica, mas uma racionalidade que perpassa todas as dimensões do tecido social, incluindo aí a subjetividade dos indivíduos. Segundo esses autores, “o neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT; LAVAL, 2014,p. 17). Configurado nesta

sociedade neoliberal, o indivíduo contemporâneo se vê premido a funcionar social e subjetivamente a partir da lógica do desempenho e da otimização.

Neste contexto contemporâneo estruturado a partir de uma lógica neoliberal, testemunhamos emergir, em função desse novo regime de acumulação do capital, formas cada vez mais precárias de trabalho que se estruturam a partir da lógica da competitividade extrema e da flexibilização das formas de vida laborais, estendida a todas as modalidades de trabalho, produzindo, assim, novas formas de trabalho e novos modos de subjetivação.

Esse contexto de precarização das formas de trabalho é cunhado por Alves (2012) com o termo universalização da condição de proletariedade, ou seja, a universalização da precarização do trabalho, encarnada a partir de atributos histórico-existenciais próprios do capitalismo neoliberal: “instabilidade, insegurança, descontrole existencial, incomunicabilidade, corrosão do caráter, deriva pessoal e sofrimento, risco e periculosidade, experimentação e manipulação, prosaísmo e desencantamento, ausência de projeto de vida e resignação” (CARVALHO, 2014, p. 229).

Nesse contexto de profundas transformações no capitalismo e no mundo do trabalho, intensificado com o impacto das tecnologias das comunicações e das informações, o conceito de precariado emerge como uma categoria interpretativa para pensar as novas configurações do mundo do trabalho ou, como afirma Carvalho (2014) a nova morfologia laboral, e seus efeitos na subjetividade dos membros da classe trabalhadora.

As redefinições do mundo trabalho e da subjetividade presentes na contemporaneidade e que foram explicitadas acima atingem de modo peculiar as juventudes no contexto de sua inserção laboral. Trata-se de um segmento da classe trabalhadora que os estudiosos denominam de precariado (STANDING, 2011; ALVES, 2013; BRAGA, 2012; CARVALHO, 2014): jovens altamente qualificados que, em decorrência de um processo de precarização laboral, estão vivenciando um processo de precarização existencial. Ao delinear os efeitos produzidos no precariado a partir de sua condição de precarização, Alves (2013, p. 2) afirma que:

não se trata apenas da precarização salarial que atinge a larga parcela de jovens inseridos em relações de trabalho precárias, mas a precarização existencial ou precarização do homem que trabalha, que deriva das condições de existência alienada da vida urbana precária.

Para compreender a emergência do precariado impõe-se, como exigência fundante, considerar as transformações do capitalismo, regido pela lógica neoliberal. É importante salientar que as repercussões na vida social e, particularmente, no mundo do trabalho são historicamente situadas e se expressam com a passagem do capitalismo de tipo social, ancorado ainda em políticas de bem-estar social que caracterizou o contexto da sociedade industrial, para o capitalismo de tipo neoliberal, que confere centralidade ao indivíduo ao ensiná-lo a se compreender como uma empresa que precisa ser permanentemente gerida a fim de alcançar bons resultados.

Adota-se, no contexto da pesquisa, o conceito de precariado como categoria analítica para pensar os efeitos das transformações no capitalismo e no mundo do trabalho que tem impactado e modificado as formas de trabalho, os modos de se conseguir trabalho e a subjetividade dos que participam desta nova configuração social. No exercício de compreensão dos efeitos psicossociais que atingem egressos dos Programas de Pós-graduação em Sociologia do Estado do Ceará, objeto de investigação desta pesquisa, o conceito de precariado tem funcionado como uma lente interpretativa para compreender o contexto que esses profissionais estão imersos e os impactos que ele tem em suas subjetividades e relações sociais.

Na próxima seção, adentramos, em uma primeira análise, do material de campo a partir de uma parte das entrevistas realizadas com egressos dos dois Programas investigados.

4. O precariado nos Programas de Pós-graduação em Sociologia da UFC e da UECE: alguns indicadores

Iniciamos esta seção situando, a título de introdução, uma breve contextualização dos dois Programas onde foi realizado o trabalho de campo.

O Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC) foi criado em 1987, inicialmente com a oferta do curso de mestrado, consolidando-se como um dos primeiros programas da área de Sociologia no Nordeste. Posteriormente, ampliou sua estrutura com a implantação do curso de doutorado, tornando-se referência nacional na

formação de pesquisadores e docentes e na produção de conhecimento sobre trabalho, desigualdades, violência, cultura, política e desenvolvimento.

O Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS/UECE) teve origem em 2000, quando foi criado como Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade (MAPPS). Em 2016, o curso foi reestruturado e passou a denominar-se Programa de Pós-Graduação em Sociologia, reafirmando sua identidade disciplinar. No mesmo ano, recebeu aprovação da CAPES para implantação do curso de doutorado, ampliando sua contribuição para a formação de pesquisadores e para o fortalecimento da Sociologia no Ceará e na região Nordeste.

O trabalho empírico da pesquisa consubstancia-se em 40 entrevistas e 57 questionários. Abordamos nas entrevistas perguntas-chaves sobre eixos centrais da pesquisa: a) motivos que orientaram a escolha do curso, b) decisão de cursar uma pós-graduação, c) dificuldades no que concerne a inserção profissional, d) questões relativas a adoecimento psíquico, e) questões relativas a condições de trabalho e f) mudanças propostas para a melhoria das condições de trabalho e reconhecimento dos pesquisadores. Este material empírico vem sendo trabalhado de forma analítica, com previsão de término em dezembro de 2026. No atual momento -junho de 2026- foram analisadas 15 entrevistas, já transcritas. E, em coerência com o foco da pesquisa, configuramos tendências, padrões e tensões constitutivas da formação acadêmica, inserção profissional, expressões de precarização e adoecimento psíquico nos percursos dos egressos, cotejando também as propostas de mudanças do cenário em perspectiva.

Assim, nesta seção, delineamos pistas analíticas no desvendamento do objeto de pesquisa, trabalhando cinco temas centrais:

- 1) Expressões da precarização nas trajetórias dos (as) mestres (as) e doutores (as);**
- 2) Tensões na formação acadêmica face à realidade do mercado de trabalho;**

- 3) Inserção no mercado de trabalho e dilemas da empregabilidade;**
- 4) Adoecimento psíquico nos percursos da formação e nos processos de inserção profissional;**
- 5) Mudanças propostas nos Programas de Pós-graduação em Sociologia para o enfrentamento do cenário em perspectiva.**

Em termos expositivos, trabalhamos cada um dos temas básicos, esboçando questões com base no material empírico já analisado. Nesta perspectiva, apresentamos depoimentos que nos parecem emblemáticos em relação a determinados pontos. Em função das questões éticas, utilizamos pseudônimos para identificar os sujeitos participantes da pesquisa, tomando como referência nomes de flores.³

4.1. Expressões da precarização nas trajetórias dos (as) mestres (as) e doutores (as)

No universo de quinze sujeitos, grande parte, mais precisamente doze reconhecem, com graus variados de intensidade, que vivencia ou vivenciou situações de precarização, ao longo de suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Essa percepção atravessa dimensões financeiras, institucionais, trabalhistas e subjetivas.

Em síntese, a precarização é vivida com diferentes expressões: ausência de vínculo empregatício formal, exclusão da seguridade social durante a Pós-graduação, instabilidade dos contratos temporários, desvalorização do título de mestre ou doutor no mercado e dificuldade de inserção profissional na área de formação.

Dentre essas formas de precarização, a de Gardênia é emblemática uma vez que trabalha fora de sua área de atuação, em uma escola, atuando oito horas diárias como assistente de inclusão, com uma remuneração um

³ Os nomes de flores foram utilizados como pseudônimos para preservar a identidade dos colaboradores desta pesquisa. Foram utilizados nomes de 15 flores em substituição aos nomes dos depoentes que contribuíram com esta investigação. Os nomes de flores usados foram: Orquídea, Açucena, Gardênia, Girassol, Hibisco, Cravo, Alfazema, Hortênsia, Dália, Begônia, Lírio, Papoula, Crisântemo, Margarida e Violeta.

pouco maior que o salário mínimo e sem acesso a nenhum direito trabalhista, condição esta, por ela nomeada de “trabalho quase desumano”.

Já Orquídea encontra-se atuando dentro da área como pesquisadora, em uma posição temporária, reconhecendo a precarização a partir do vínculo que não garante condições de segurança no trabalho a longo prazo.

É importante atentar que Alfazema vivencia, de fato, uma situação de precarização, atuando em outra área com um salário apenas duas vezes maior que o salário mínimo, sem que o título de doutora altere a sua remuneração e vivenciando, ainda, condições relativamente precárias, em função de longos deslocamentos para a chegada em seu local de trabalho em outro município.

Somente três dos depoentes declararam não se sentir em situação de precarização, sendo que apenas Lírio é concursado na área, com uma inserção profissional estável, a garantir um bom salário e reconhecimento de direitos trabalhistas.

Já Papoula e Violenta divergem parcialmente do panorama dominante de precarização: ambas constroem renda a partir de projetos, consultorias e extensão, não se sentindo completamente precarizadas no momento atual, embora reconheçam a instabilidade estrutural desse tipo de inserção e ausência de direitos trabalhistas.

É importante demarcar que o quadro de precarização do trabalho de egressos da Pós-graduação em Sociologia da UFC e da UECE apresenta diferentes nuances, com distintos níveis e formas de trabalho precarizado. Um traço comum no reconhecimento da precarização é o descompasso entre os anos investidos na formação durante a Pós-graduação - no mínimo seis anos, considerando dois de mestrado e quatro de doutorado- e a falta de perspectiva de um trabalho estável e digno, acumulando, assim, frustrações em vários campos, ou seja, financeira, trabalhista, pessoal e profissional. A bolsa, de fato, tanto no mestrado e, sobretudo, no doutorado, ameniza a situação de precarização durante a formação, embora, seja de caráter momentâneo e com um valor que não acompanha as flutuações do custo de vida no contexto brasileiro.

4.2 Tensões na formação acadêmica face à realidade do mercado de trabalho

Dentre os quinze depoimentos analisados, a crítica mais recorrente que aparece nas falas dos depoentes no quesito tensões na formação acadêmica face à realidade do mercado de trabalho, consiste na ausência completa de discussão sobre o mercado de trabalho e empregabilidade nos cursos de Ciências Sociais em que realizaram suas formações. A maioria dos entrevistados afirma que a discussão sobre esta temática era quase inexistente em seus percursos formativos, o que tornava a continuidade na carreira acadêmica como único meio de sobrevivência possível para se manter na área.

Orquídea é um exemplo emblemático para pensarmos como essas tensões se instauram em um caso particular, considerando uma trajetória marcada pela inserção em formações afins. Orquídea se formou em Serviço Social, fez mestrado em Políticas Públicas e doutorado em Sociologia. Em seu relato, ela afirma que não vivenciou tensões em sua formação acadêmica no que se refere à questão do mercado de trabalho. Ainda na graduação, teve sua primeira experiência profissional como técnica social no SESC, onde atuou coordenando um projeto como pesquisadora de campo. Logo após concluir a graduação, ingressou no mestrado e passou também a trabalhar como educadora social durante um ano com seu orientador no Territórios de Paz, um Programa ofertado pelo governo Dilma. Suas primeiras experiências de trabalho foram como pesquisadora. Já, no que concerne à sua trajetória acadêmica, por ter vindo do Serviço Social e pelas oportunidades que foi tendo no seu percurso formativo, sua experiência difere da trajetória dos estudantes que fizeram sua formação completa nas Ciências Sociais. A trajetória de Orquídea também se inscreve em um período marcado pela presença maior de concursos públicos e de expansão das faculdades privadas:

Outro aspecto destacado das falas é o elitismo dos Programas de Pós-graduação. Orquídea e Cravo denunciavam, em seus depoimentos, o elitismo dos Programas como um problema estrutural. Orquídea classifica a Pós-graduação brasileira como uma “máquina de moer gente”, já Cravo

descreve a Pós-graduação como um espaço de reprodução de desigualdades sociais que privilegia o que ele chama de “grupos consagrados”.

A trajetória de Açucena é emblemática para pensarmos como a questão de classe atravessa no contexto dos percursos formativos. Filha de pai agricultor e mãe comerciante do interior do estado do Ceará, Açucena veio aos 15 anos para Fortaleza cursar o Ensino Médio. Entrou com 17 anos no curso de Ciências Sociais da UFC por uma inclinação em estudar “questões de ordem social”. Com o passar do tempo, foi se apaixonando e se frustrando por não saber o que iria fazer com a formação logo após a conclusão do curso. Essa dúvida com relação ao futuro profissional fez com que ela optasse por fazer uma outra graduação em Serviço Social quando estava próximo de concluir a graduação em Ciências Sociais: *“Eu tava terminando ciências sociais com muitas dúvidas do que que eu iria fazer, como é que eu iria entrar no mercado de trabalho e aí veio o serviço social.”*

Açucena enxerga a universidade, especialmente as Ciências Sociais, como estando muito distante da sociedade, muito apartada do mundo real no que tange a questão do mercado de trabalho. Ela descreve o ambiente do doutorado como uma “bolha” apartada das questões sociais. Em sua fala, destaca a importância do doutorado em sua formação, seja fazendo-a subir de posição no concurso para assistente social, seja nos projetos que passou a integrar posteriormente, como o Cientista Chef. Contudo, seu diploma de doutora não foi validado por atuar na área da saúde e a Sociologia ser enxergada como uma área desvinculada da saúde.

Hibisco é um outro exemplo de formação híbrida. Publicitário de formação. Sua trajetória na comunicação é atravessada pelo que ele chama de “desencantamento com relação a área de atuação”, período que coincidiu com seu interesse pela área acadêmica. Esse período se estendeu durante toda a graduação e o mestrado. Após o término do mestrado, sem vislumbrar possibilidades de atuação profissional na área de Sociologia, Hibisco passa a vivenciar um outro período de desencantamento profissional, produzido pelo cenário do mercado de trabalho, à época marcado pela escassez de concursos para professores universitários efetivos e intensificado por uma pandemia.

Hibisco descreve a época em que cursou sua graduação como um período em que ainda era possível sonhar com a possibilidade de construir uma carreira acadêmica, cenário diferente do atual, o que tem produzido, no contexto de sua trajetória, um sentimento de insegurança. Ele atribui esse cenário de deflação dos concursos às mudanças na economia, à sucessão dos governos e à pandemia: *“quando entrei na graduação ainda, a gente ainda meio que nutria um sonho de quem queria seguir carreira acadêmica, de que haveria um concurso assim que terminássemos um mestrado, um doutorado, caso não estaríamos dando aula em faculdades privadas, porque havia uma demanda muito grande, né, na época. E aí isso mudou radicalmente, Mudou né? radicalmente Então assim, acho que do final do mestrado para o início do doutorado, o cenário já mudou completamente.”*

Um outro aspecto da formação apontado nos relatos é a instabilidade profissional da profissão de Sociólogo, seja em função da existência de poucos concursos na área, seja pelos efeitos da precarização e da reconfiguração do mundo do trabalho que atinge as profissões de maneira geral e as Ciências Sociais de forma particular. Hibisco relata que se sente cansado desse contexto de instabilidade profissional que marca sua trajetória formativa como resposta a oito anos de dedicação à pesquisa, somando a graduação, o mestrado e o doutorado: *“foram 8 anos dedicados para tentar uma estabilidade mínima, né, depois que eu acabasse tudo isso e não vai ter, não haverá, né? E já estou eu aqui estudando para o Enem, para tentar outra coisa, né?”*

Girassol entrou nas Ciências Sociais com dezenove anos motivada por uma questão de cunho religioso: era missionária e desejava se instrumentalizar teoricamente. Acreditava que o curso de Ciências Sociais, por ser uma área que estuda a cultura e a sociedade, contribuiria no seu trabalho com missão. Para Girassol, sua escolha pelo curso de Ciências Sociais não foi orientada baseando-se na questão do trabalho e da empregabilidade. O curso serviria para fornecer as bases teóricas que lhe ajudariam a atuar melhor como missionária e o trabalho para prover suas condições materiais de subsistência. Assim, o trabalho emerge em sua trajetória como um meio para bancar seu desejo de fazer missão e também porque ela não via as Ciências Sociais como

um trabalho. Girassol descreve, ainda na graduação, uma cena vivenciada por ela que a deixou assustada onde, durante o processo de seleção para atuar em uma empresa de *telemarketing*, se deparou com uma pessoa formada em Ciências Sociais que estava trabalhando com *telemarketing*. Foi, a partir desse episódio, que ela percebeu que não havia emprego para um profissional de Ciências Sociais. Sua trajetória é marcada por tensões entre sua vivência religiosa e a busca por sobrevivência.

Em síntese, os depoimentos trazem alguns pontos importantes que tensionam o percurso formativo dos depoentes, evidenciando aspectos comuns e diferenças considerando as diferentes trajetórias. A orientação emerge, na maior parte dos relatos, como inefetiva, marcada por experiência de abandono e solidão. A orientação aparece também como espaço de exercício de relações de poder desiguais, onde verifica-se situações de abuso moral por parte de alguns docentes. Contudo, alguns depoimentos revelam tensões nessa estrutura institucional, com trajetórias acadêmicas marcadas por relações múltiplas, mais humanas e presentes com seus orientadores, como, por exemplo, na experiência de Hibisco, em que afirma que sua orientadora o ensinou a escrever.

Outro ponto que os depoimentos destacam é a cultura produtivista e competitiva dos Programas. Alguns depoimentos descrevem esse ambiente como um espaço de “ vaidade ” e “ competição destrutiva ”. Um outro aspecto de tensão que impacta a formação consiste no descompasso entre o que se aprende e o que se pode fazer com esse aprendizado. Açucena sintetiza essa distância entre o saber teórico e o uso prático desse saber quando afirma: “ a gente tem um conhecimento enorme, uma qualificação enorme, mas ela não é usada dentro do mercado de trabalho. Enquanto Açucena identifica o gargalo do percurso formativo no descompasso entre formação e mercado de trabalho, Lírio identifica o problema da baixa empregabilidade e da inserção laboral precária como uma questão de ordem estrutural e não apenas curricular. Papoula propõe, como uma alternativa para esse impasse, a saída dos “ muros ”

do departamento como uma forma de ampliação do olhar e das possibilidades de atuação profissional do cientista social.

4.3 Inserção no mercado de trabalho e dilemas da empregabilidade

No universo dos quinze depoimentos analisados, praticamente todos os relatos apontam dificuldades no processo de inserção profissional, embora cada trajetória possua sua particularidade neste quesito. A dificuldade comum apontada, a partir da análise dos relatos, se inscreve no contexto social mais amplo, ou seja, no que podemos chamar de um processo de mudanças no “mercado acadêmico” e na pós-graduação, marcado pela ausência de concursos públicos, pela retração do mercado privado, que antes era um empregador destes profissionais e que passou a optar por contratar especialistas e pelo aumento da concorrência com o surgimento de mais um programa de Pós-graduação em Sociologia no Estado. Soma-se a esse contexto à migração de muitos cursos para a modalidade EAD. A emergência desse cenário precarizou também os títulos de mestre e de doutor, na medida em que esses títulos passaram a ser vistos como “excesso de qualificação”, o que, em contextos anteriores, funcionava como diferencial na formação e no salário. Trago, abaixo, alguns relatos que exemplificam a singularidade dessas trajetórias formativas, focando na inserção do mercado e nos dilemas da empregabilidade.

Orquídea afirma não ter tido dificuldades de inserção profissional, contudo parte significativa de sua formação acadêmica foi feita no Serviço Social e nas Políticas Públicas. Em sua fala, ela afirma que passou a ter dificuldade de inserção quando estava terminando o doutorado em um contexto social que já não era o mesmo de quando ela entrou na graduação. Ela descreve o contexto de 2023, período que concluiu o doutorado, como um período de escassez total, época onde verificou-se o fechamento de alguns cursos, o aumento dos cursos de EAD, a escassez de concursos e o sucateamento do ensino superior, tanto na esfera pública como privada.

Quando terminou o mestrado, Açucena ficou durante uns meses sem nenhuma perspectiva profissional, mas logo depois conseguiu um emprego

como coordenadora do curso de Serviço Social em uma faculdade privada. Sua trajetória é marcada, no período anterior à conquista desse emprego, pela realização de pesquisas temporárias que foram muito formativas no seu percurso enquanto pesquisadora, mas que não lhe garantiram estabilidade. Depois de um ano e meio atuando como coordenadora de curso, Açucena decide largar o trabalho por conta da pressão que a função demandava, intensificada pelo fato de ter se tornado mãe optando, assim, por cursar o doutorado em Sociologia. Passou então a cursar o doutorado, conciliando com um trabalho de professora em uma instituição privada. Suas principais dificuldades de inserção no mercado de trabalho se deram após a conclusão do doutorado, período marcado pela retração de concursos e precarização das faculdades privadas. Sua trajetória revela um ajuste entre o desejo de atuar como professora concursada e suas possibilidades de realização. Diante da urgência por sobrevivência, em um contexto marcado pela ausência de concursos para professores efetivos, Açucena é aprovada em um concurso para assistente social em um hospital público de Fortaleza. Um trecho de sua fala revela esse ajuste entre o imaginado e o possível, entre o sonho e suas possibilidades efetivas de realização: *"Eu não me planejava para trabalhar como assistente social, eu me planejava para dar aulas, né? E para a docência e para os concursos. Mas no período que eu terminei o doutorado foi um período péssimo. Porque não abriu concursos nas universidades."*

Gardênia é um caso de um egresso que possui formação completa em Ciências Sociais. Em função de sua origem familiar, Gardênia possui uma trajetória marcada por inúmeras dificuldades de inserção. Sendo arrimo de família e tendo que conciliar trabalho com estudo, Gardênia trabalhou como operadora de *telemarketing* durante a graduação até conseguir um meio de subsistência por meio da obtenção de bolsa na universidade. Atualmente, com mestrado em Sociologia e não tendo ainda conseguido o título de doutora, ocupa uma função de assistente de inclusão em uma escola, possuindo uma remuneração um pouco superior a um salário mínimo, sem benefícios.

Alfazema também é um caso de formação completa nas Ciências Sociais. Após concluir o doutorado, ficou dois anos sem perspectivas profissionais, o que a fez tentar conseguir emprego em mercados e

estabelecimentos comerciais na região onde mora. Percebendo que seu título de doutora implicava em um impeditivo para sua contratação nas vagas disponíveis, resolveu atuar como assistente social em outro município. Alfazema, como muitos depoentes desta pesquisa, ao perceber, durante o doutorado que o título não se converteria em um emprego, resolveu cursar Serviço Social em uma faculdade privada. Seu título de doutora e sua formação enquanto cientista social lhe oferece hoje instrumentos para atuar como assistente social, mas não configurou em uma progressão salarial.

Alguns depoentes apresentam outras formas de inserção para além da escola e da universidade. Papoula hoje atuou com consultorias e projetos antes de se tornar concursada da educação básica. Assim como Papoula, Hortênsia é doutoranda e trabalha com análise de dados. A trajetória de Begônia também é marcada por diferentes formas de inserção: após ficar durante um ano sem emprego com o término do doutorado, dependendo da ajuda financeira da mãe, ela cria uma empresa de consultoria para trabalhos acadêmicos que se torna, posteriormente, uma fonte de remuneração. Anos depois, consegue um emprego em uma faculdade privada de Fortaleza, onde atua hoje como professora. Violeta também se inscreve no grupo de formações híbridas, tendo construído uma carreira promovendo consultoria, formação e projetos sociais. Em seu relato, Violeta reconhece que a trajetória acadêmica é instável e não garante direitos trabalhistas.

Como pudemos avaliar, as trajetórias dos egressos em Sociologia dos dois Programas de Pós-graduação investigados são marcadas por inúmeras dificuldades em que se figuram adaptações, reformulações, mudanças de carreira, ausência de perspectivas e formas de precarização laboral e existencial. Como afirma Hibisco em sua fala, a formação do cientista social reúne muitas “frustrações sobrepostas”, exigindo do egresso constante adaptação e reinvenção de sua própria carreira em um contexto marcado pela ausência de mediações institucionais dos Programas de Pós-graduação.

4.4 Adoecimento psíquico nos percursos da formação e nos processos de inserção profissional

A temática do adoecimento psíquico emerge, na maioria dos relatos, variando em suas formas de expressão e intensidade. As exigências da vida acadêmica, o produtivismo, a concorrência, a ausência de apoio institucional adequado, o abandono de alguns orientadores, o contexto mais amplo da pandemia e a diminuição de postos estáveis de trabalho figuram entre os fatores mais significativos para o que estamos nomeando de precarização laboral, que tem como efeito uma precarização existencial. A precarização laboral, decorrente das transformações recentes no mundo do trabalho e da própria configuração histórica do campo da Sociologia, tem produzido uma precarização existencial, caracterizada pelo desencanto com relação a profissão, produzida pelo sentimento de incerteza com relação ao futuro e pela precariedade das condições objetivas que marcam a trajetória da maioria dos pós-graduandos, caracterizada por um permanente processo de reinvenção e readaptação para se manterem no campo de formação que escolheram.

Orquídea teve seu primeiro diagnóstico de ansiedade no final do mestrado por conta dos prazos muito apertados e das exigências da vida acadêmica. Orquídea classifica o ambiente acadêmico e as relações institucionais no Programa de Pós-graduação como “desumanas” e descreve esse cenário como também um fator que contribuiu para o seu processo de adoecimento. Orquídea relata o impacto que o ambiente do doutorado e a pandemia tiveram na sua saúde física e mental e como esses processos de adoecimento impactaram na escrita da tese:

“eu acabei adoecendo e tendo crises de ansiedade, né? Adoecei fisicamente mesmo porque eu terminei... eu defendi a minha tese doente. Meu corpo adoeceu, adoeceu mesmo. Eu entrei num processo... eu tive um início de burnout, né? Eu engordei horrores porque eu tive uma descompensação hormonal. E mesmo tendo todo o cuidado de fazer terapia, cuidado com a alimentação, né? O ambiente do doutorado me adoeceu.”

Orquídea relata uma situação de abuso e violência institucional que vivenciou durante uma seleção. Seu relato, embora descreva o cenário de um Programa em particular, suas críticas são extensivas ao modelo de

Pós-graduação que se firmou no Brasil hoje e que ela qualifica como "uma máquina de moer gente":

“Ali não é um programa para um estudante-trabalhador, por exemplo. Não é. O estudante-trabalhador ali vai ser massacrado, moído. Não é um programa para uma mulher que pretende ser mãe. Porque foi a primeira coisa que me perguntaram na minha banca de seleção: era se você pretende engravidar durante o doutorado. Que agora, por lei, isso é crime, né? Mas na época que eu fiz não era, e foi... e era uma pergunta que foi normalizada nos programas de pós-graduação como sendo normal você perguntar a uma mulher isso, né? né? Então, essa questão da classe, do elitismo, da produtividade desumana — que não é só do programa, mas é do próprio modelo de pós-graduação que se firmou no Brasil hoje — isso aí é uma máquina de moer gente. Então foi um programa que me adoeceu. O meu mestrado não me adoeceu, minha graduação não me adoeceu como o doutorado me adoeceu.”

Alfazema relata tentativas de suicídio durante o mestrado, internamento psiquiátrico e depressão severa diretamente vinculada ao isolamento e à pressão acadêmica. Gardênia desenvolveu ansiedade generalizada e um princípio de depressão durante o doutorado, tendo sido diagnosticada com Transtorno Afetivo Bipolar. A ausência de orientação, as cobranças por escrito permanente do orientador e a falta de suporte institucional adequado agravaram seu estado. Soma-se a esse cenário, a questão financeira, presente no medo permanente do fim da bolsa, intensificando seu processo de sofrimento psíquico.

Considerando os quinze depoimentos analisados, não são todos os relatos que identificam a Pós-graduação como um ambiente de produção de mal-estar, embora verifique-se, na grande maioria, que a pós-graduação em Sociologia do estado do Ceará não possui suporte institucional adequado à saúde mental dos pós-graduandos. O contexto da pós-graduação atual, marcado pela competitividade, pela pressão produtivista dos programas, por fragilidades nas relações de orientação e por precariedades materiais emerge, considerando essas múltiplas precariedades, como um espaço de reprodução

de desigualdades que ora produz e ora agrava formas de adoecimento psíquico e de desrealização subjetiva.

4.5 Mudanças propostas nos Programas de Pós-graduação em Sociologia para o enfrentamento do cenário em perspectiva

Nos relatos dos entrevistados, são apresentadas propostas que variam desde medidas imediatas e concretas até mudanças estruturais mais amplas a serem implementadas no contexto da Pós-graduação em Sociologia do Estado do Ceará. A primeira proposta de mudança, apontada pelos depoentes, consiste no reconhecimento jurídico e previdenciário do trabalho de pesquisa. Quase todos os entrevistados afirmam que é necessário o reconhecimento do tempo de bolsa como trabalho para fins de contribuição. Hibisco sugere a criação de uma legislação trabalhista específica para pesquisadores, com direito a férias, décimo terceiro salário e contribuição ao INSS.

Uma outra proposta apresentada pelos depoentes consiste na implementação de Políticas de Incentivo ao Mercado e valorização da titulação. Tais Políticas consistem na criação de parcerias da universidade com instituições públicas e privadas a fim de promover um aumento dos postos de trabalho dos egressos. Hibisco cita o modelo francês de incentivo fiscal para empresas que contratam doutores. A criação de um Conselho profissional que organize os sociólogos coletivamente enquanto categoria profissional detentora de direitos aparece na maioria dos relatos como uma forma de resolução de alguns dos impasses da profissão. Papoula propõe que o próprio pesquisador aprenda a se reconhecer como profissional do mercado e a traduzir as competências aprendidas durante sua formação a fim de que possa expandir seus espaços de atuação profissional para além dos muros da universidade.

Uma última proposta apresentada pelos egressos dos Programas investigados possui um caráter de ordem mais estrutural, a saber, a mudança da própria universidade e dos programas de Pós-graduação. Os depoimentos propõem mudanças na matriz curricular, uma ampliação dos debates sobre mercado de trabalho nas Ciências Sociais, a existência de um suporte psicológico para acolher as demandas dos pós-graduandos. Em síntese, a

criação de um ambiente mais simétrico, de maior escuta e acolhimento dos desafios enfrentados pelos Pós-graduandos.

5. Considerações finais

Este texto integra uma pesquisa de pós-doutorado, em curso, intitulada “Neoliberalismo e sofrimento no mundo do trabalho: uma análise dos efeitos psicossociais em jovens adultos egressos dos cursos do PPGS da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará (2020-2025)”. Os resultados apresentados são parciais compreendendo uma amostra de quinze depoimentos dos egressos dos dois Programas de Pós-graduação investigados acerca de suas percepções sobre mercado de trabalho, empregabilidade e sofrimento psíquico no percurso de suas trajetórias formativas em Ciências Sociais.

A análise parcial dos dados revela um diagnóstico acerca da formação do sociólogo, os impasses enfrentados pelos profissionais da área no que concerne a sua inserção laboral precária e como a precariedade laboral produz, no contexto das trajetórias analisadas, formas específicas de mal-estar subjetivo. Os relatos apontam problemas na estrutura da pós-graduação brasileira por meio de seus modelos avaliativos como uma das causas desse mal-estar. Figuram também, no conjunto dos relatos, como outros causadores a estrutura curricular dos Programas, a ausência de diálogo sobre o mercado de trabalho e empregabilidade, as assimetrias das relações institucionais e ausência de apoio psicológico aos pós-graduandos. A pesquisa encontra-se em andamento e os dados apresentados constituem uma amostra significativa das análises empreendidas até então.

6. Referências

ALVES, Giovanni. *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo, 2011.

ALVES, Giovanni. O precariado: a nova classe do capitalismo global. *Revista Princípios*, São Paulo, n. 120, p. 29-40, 2012.

ALVES, Giovanni. *Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho*. Bauru: Canal 6, 2013.

BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. A questão social do precariado: a sociedade da precarização do trabalho e da vida. In: SILVA, Maria Ozanira da Silva e (org.). *O serviço social e o popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 219-242.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obra original publicada em 1930).

STANDING, Guy. *The Precariat: The New Dangerous Class*. London: Bloomsbury Academic, 2011.